



**AS ALEGRIAS
DA MATERNIDADE**
BUCHI EMECHETA

dublinense






**AS ALEGRIAS
DA MATERNIDADE**

BUCHI EMECHETA



Tradução
Heloisa Jahn



Porto Alegre · São Paulo
2019

Copyright © 1979 Buchi Emecheta

Conselho editorial Gustavo Faraon e Rodrigo Rosp

Capa e projeto gráfico Luísa Zardo

Revisão da tradução Julia Dantas

Revisão Raquel Belisario e Rodrigo Rosp

Foto da autora Valerie Wilmer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E53a Emecheta, Buchi
As alegrias da maternidade / Buchi Emecheta; tradução Heloisa Jahn. — 2. ed. — Porto Alegre: Dublinense, 2018.
320 pág.; 21cm

ISBN: 978-85-8318-110-1

1. Literatura Africana 2. Romances Africanos. I. Jahn, Heloisa.
II. Título.

CDD 869.3

Catalogação na fonte: Ginamara de Oliveira Lima (CRB 10/1204)

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Dublinense Ltda.

Editorial

Av. Augusto Meyer, 163 sala 605
Auxiliadora — Porto Alegre — RS
contato@dublinense.com.br

Comercial

(11) 4329-2676
(51) 3024-0787
comercial@dublinense.com.br

Para todas as mães.

SUMÁRIO

1. A mãe	9
2. A mãe da mãe	15
3. A vida da mãe no começo	41
4. Primeiros sustos da maternidade	57
5. Uma mulher fracassada	79
6. Um homem nunca é feio	91
7. O dever de um pai	105
8. Os ricos e os pobres	119
9. O investimento de uma mãe	145

10. Um homem precisa de muitas esposas	159
11. Partilhando um marido	179
12. Homens em guerra	199
13. Uma boa filha	213
14. Só as mulheres	221
15. O pai soldado	241
16. Mãe de filhos inteligentes	265
17. A honra de uma filha	279
18. A mãe canonizada	299

A MÃE





nu Ego recuou e saiu do quarto, os olhos perdidos e vidrados, contemplando o vazio. Seus pés estavam leves e ela avançava como se estivesse em transe, sem dar-se conta de que usava aqueles pés. Foi de encontro à porta, afastou-se dela e cruzou a varanda, avançou para a grama verde que fazia parte do alojamento dos empregados. A grama estava úmida de orvalho sob seus pés descalços. Seu corpo inteiro sentia a névoa fina do ar, e parte dela percebeu quando roçou a roupa lavada do patrão branco pendurada no varal. Isso a fez girar o corpo num safanão, como um cãozinho ao esticar completamente a corda. Agora estava voltada para a estrada, tendo decidido usar os olhos, a parte da frente e não mais a de trás. Correu, os pés ainda mais leves, como se os olhos, agora que os usava, lhe dessem uma leveza especial. Correu, passou pelo bangalô do patrão, passou pelo jardim lateral e disparou pela estrada de saibro, sem asfalto; seus sentidos ficaram temporariamente ofuscados pela cor da estrada, que parecia de sangue aguado. Foi em frente até depois dessa estrada curta que levava à grande, asfaltada; correu como se a perseguissem, olhando para trás uma única vez, para ter certeza de que não estava sendo seguida. Correu como se nunca mais fosse parar.

O ano era 1934 e o local era Lagos, na época colônia britânica. O bairro residencial de Yabá, a uma pequena distância da ilha, fora construído pelos britânicos para os britânicos, embora muitos africanos, como o marido de Nnu Ego, trabalhassem lá como serviçais e empregados domésticos; uns poucos estrangei-

ros negros, funcionários de baixo escalão, viviam em algumas das casas modestas do bairro. Mesmo naquele tempo, Lagos estava crescendo depressa e, pouco depois, seria a capital de um país recém-estabelecido chamado Nigéria.

Nnu Ego passou a toda velocidade pelas bancas do mercado Zabo, cobertas com folhas de ferro corrugado vermelho que, tal como a grama úmida e o saibro no chão, reluziam com o orvalho da manhã. No estado em que estava, não parecia ver nada disso, embora seu subconsciente registrasse tudo. Pedrinhas aguçadas no caminho por onde ia espetaram seus pés quando chegou à Baddley Avenue; sentiu e ao mesmo tempo não sentiu a dor. O mesmo se aplicava à dor em seus jovens seios, soltos sob a blusa, agora se enchendo depressa de leite, desde o nascimento de seu menininho, quatro semanas antes.

Seu bebê... Seu bebê! Sem querer, os braços de Nnu Ego envolveram os seios doloridos, mais para confirmar sua maternidade que para aliviar o peso deles. Nnu Ego sentiu o leite escorrer, umedecendo sua blusa buba; e a outra dor sufocante se intensificou, chegando-lhe agora à garganta, como se tivesse o firme propósito de espremer para fora de seu corpo, ali e então, a própria vida. Só que o leite tinha como sair e aquela dor não, embora a forçasse a ir em frente, e ela corria, corria para longe da dor. Mesmo assim a dor estava ali, dentro de seu corpo. Só havia um jeito de livrar-se dela. Pois como Nnu Ego poderia mostrar o rosto ao mundo depois do que acontecera? Não, melhor nem tentar. Melhor acabar com tudo daquele jeito, o único jeito certo.

Seu vigor não arrefecia. Um ou dois madrugadores a viram, tentaram detê-la para perguntar aonde ia. Porque viram uma jovem de vinte e cinco anos, cabelo comprido não muito bem trançado e sem pano de cabeça para cobri-lo, vestindo uma buba solta de andar em casa e, combinando, uma lappa desbotada amarrada com força em torno da cintura fina, e deduziram que as coisas não iam nada bem. Além do fato de que a indumentária da jovem estava muito desleixada para ser usada fora de casa e seu cabelo muito desarrumado para ficar descoberto, havia uma espécie de selvageria em seus olhos que não parecia deste mundo e que de-

notava um espírito perturbado. Mas seus movimentos eram tão ágeis e rápidos que ela se esquivou das muitas pessoas que tentaram ajudá-la.

Quando Nnu Ego chegou ao mercado de Oyingbo, o sol espiava de trás das nuvens matutinas. Estava se aproximando de uma área agitada da cidade e já havia gente na rua. Os primeiros comerciantes avançavam para suas bancas em fila indiana, levando várias trouxas bem equilibradas na cabeça. A moça deu um encontrão num irado mendigo haussá que, abandonando a banca aberta onde passara a noite, agora se dirigia à rua pavimentada para dar início às atividades diárias de mendicância. Era cego e andava apontando o bastão para a frente com ar ameaçador; a outra mão, trêmula, segurava com força a calabça de esmoler. Em sua pressa, Nnu Ego quase derrubou o pobre homem ao correr direto para cima dele, como se também ela tivesse perdido o uso dos olhos. Seguiu-se um berro ofensivo e uma torrente ininteligível de palavras que saíam da boca do mendigo em seu idioma nativo haussá, que poucas pessoas em Lagos compreendiam. A calabça voou da mão trêmula e ele agitou o bastão no ar para enfatizar a ofensa.

“Dan duru ba!” gritava. Achava que, cedo daquele jeito, estava sendo atacado por gatunos habituados a roubar dos mendigos, em especial dos cegos, as esmolos do dia. Nnu Ego escapou por pouco da fúria do bastão ao se inclinar para recolher a calabça, que entregou ao homem. Fez isso sem dizer palavra, embora sua respiração estivesse ofegante. Não havia nada que pudesse dizer àquele homem que se deleitava na própria fúria, narrando em haussá o que imaginava que iria acontecer com ele. Enquanto Nnu Ego se afastava, o homem continuava praguejando e agitando o bastão no ar.

Ela começou a sentir cansaço, e de vez em quando choramingava como uma criança assustada; mesmo assim avançava depressa, ofendida por sentir algum tipo, fosse qual fosse, de dor física. Enquanto andava, a dor e a raiva competiam dentro dela; às vezes a raiva parecia ser mais forte, mas a dor emocional sempre vencida. E era àquilo que ela queria dar fim muito, muito depressa.

sa. Logo chegaria lá, disse para si mesma. Logo tudo estaria encerrado, exatamente lá, sob a água profunda que corria embaixo da ponte Carter. Então poderia procurar e encontrar sua chi, sua divindade pessoal, e perguntar-lhe por que a castigara daquela maneira. Sabia que seu chi era uma mulher não apenas porque em sua opinião só uma mulher seria tão absoluta ao punir outra mulher. À parte isso, quantas vezes haviam lhe dito em sua casa em Ibuza que seu chi era uma escrava que fora obrigada a morrer com a ama no momento em que a ama era sepultada? Por isso agora a escrava se encarregava de transformar a vida da própria Nnu Ego num catálogo de desastres. Bem, agora Nnu Ego estava indo ao seu encontro, ao encontro da implacável princesa escrava vinda de um país estrangeiro, e queria discutir toda aquela questão com ela, não neste mundo, mas no mundo dos mortos, lá, nas profundezas das águas do mar.

Dizem que as pessoas que estão para morrer, seja afogadas seja por uma doença terminal gradativa, dedicam os últimos poucos momentos de consciência percorrendo a própria vida caleidoscopicamente, e Nnu Ego não era exceção à regra. A dela começara vinte e cinco anos antes, numa cidadezinha igbo chamada Ibuza.